



Nuno Costa Santos

Uma Portagem para a Beleza

Ando a pé, no Corpo Santo, e olho para a Baía de Angra. Avisto um iate que me faz lembrar, na elegância, o Askoy II, barco no qual Jacques Brel passou pelos Açores. Caminhei pelo bairro e decido ligar aos meus filhos mais velhos. O gesto traz-me, depois, quando desligo, uma memória. Quando comecei a ler livros, artigos, pistas sobre Jacques Brel, na altura em que preparava o texto da peça “Brel nos Açores”, lembro-me de ter sido capturado por um fantasma. Ao ler a forma como se relacionava com as filhas e a forma como as filhas se relacionavam com ele, fiz uma relação com a minha própria vida, sobre o modo como me relacionava com os meus filhos e o modo como eles se relacionavam comigo. Não a procurei. Dei por mim a fazer paralelos e cruzamentos. Comparações. Incontroláveis. Abusivas como tantas comparações. Brel era o “pai artista” – com as suas ausências, a sua vida atípica, a sua extravagância de horas e modos, uma tournée musical e existencial. Filosofou sem tato sobre o assunto. Achava que, na relação com os filhos, a presença da mãe era determinante – a do pai, não. Que o pai é um figurante da peça familiar. Nada mais do que isso.

Li numa das biografias, a certa altura, uma das filhas manifestou ao pai seu ressentimento pela sua postura e pelas suas posições:

-Tu nunca foste um verdadeiro pai.

Brel teve de ouvir e nada mais fazer.

Essa acusação também me iria ser feita?

Em que tipo de pai é me estava a tornar?

Que qualidade estava a tomar a minha relação com os meus filhos?

Eram fantasmas, sim, espectros que todos os dias apareciam quando menos esperava. A inquietude justificava-se pelo momento que estava a viver. Havia-me separado um ano e meio antes da mãe dos meus dois filhos, ainda (bem) pequenos, e ficara estabelecido que só de quinze em quinze dias ficariam comigo. Só nessa altura em que podíamos viver com proximidade, em minha casa. Só nessa altura é que podia ser o pai quotidiano que todas as crianças merecem ter. A presença. O corpo. A respiração. A pessoa que podiam ir chamar.

Inquietava-se pensar que a minha relação com eles pudesse de algum modo caminhar para um desses relacionamentos familiares construídos com base em falhas iniciais e depois tornados mágoas secretas. Sentimentos clandestinos edificadas em segredo e que podem depois ser disparados mais tarde, com ou sem injustiça, como um modo de desabafo de sentimentos.

Num trabalho biográfico, o ímpeto para comprar é inevitável. Mesmo com a distância de condições e projecções não se consegue evitá-lo. Ver com lupa a biografia de alguém faz ressaltar aquilo que mais define os homens. Acontece com os biógrafos mas, em rigor, acontece com toda a gente. Toda a gente faz isso na relação com os outros. Figuras públicas e anónimos. Amigos, conhecidos, pessoas que passam na rua, perfis que visitamos na internet. É uma forma de nos organizarmos, de nos percebermos, de nos confrontarmos, esse exercício da comparação. Aconteceu sempre que arrisquei trabalhos biográficos – não só com Brel mas também com Fernando Assis Pacheco e Ruy Belo.

A comparação com Assis Pacheco e Belo era, claro, abusiva – o inconsciente tem essa mania. E com Brel também, é claro. Era uma personalidade dada a meteorologias revolucionárias – eu sou conservador. Tenho gestos de mudança mas valorizo demasiado o meu poiso. Uma estabilidade que, apesar dos saltos, procuro sempre. Assis Pacheco era uma figura, à sua maneira, extravagante e popular e um homem da sua geração, que viveu a Guerra Colonial. A vida de Ruy Belo foi sempre atravessada pela recordação de um agrilhoamento religioso – semeado no tempo em que fez parte da Opus Dei – que nunca senti.

Passo uns dias na Horta. Ligo no quarto da residencial a televisão e fico a

saber de um temporal em São Miguel que deu em tragédia. Deixo em modo de pausa a minha viagem com Jacques Brel rumo as Marquesas. Demanda em que, entre ondas, se evadiu do império do like. Veio uma enxurrada, provocada por uma chuva, que chegou ao noticiário e aos corações. E, no meu caso, aproximou a espuma privada da memória. Brel aceita ficar com o iate fundeado no porto da Horta. Através dos noticiários fico a saber da história que tantos comoveu: a das pessoas que iam, de carro, a casa de outras pessoas para delas cuidar e acabaram a sucumbir à cólera da natureza. O carro foi levado na ribeira e capotou. Paula Medeiros, 48 anos, e Ibéria Amaral, 50. Funcionárias da Santa Casa da Misericórdia da Povoação. Município com 6300 habitantes onde trabalha na construção civil, entretanto regressado. Aos filhos. Nada mais. Deixemos as famílias em paz.

Junho de 2021 traz o lembrete: a beleza da paisagem açoriana tem um preço. Há uma portagem natural a pagar por se viver aqui. O pagamento cabe a todos. A nós. Aos que atravessam lodos e lamaçais, debaixo de bravas ventanias, aos que pisam bravas ondulações no exercício das buscas. Bombeiros, equipas da PSP, elementos da protecção civil, nadadores-salvadores. No caso, uma corveta, saída aqui da Terceira, também. Fazem o que podem. Um dos corpos já foi encontrado. No mar, a uma milha da Ribeira Quente. O outro ainda não. Referência ao marido de Paula Medeiros, emigrante nas Bermudas, onde trabalha na construção civil, entretanto regressado. Aos filhos. Nada mais. Deixemos as famílias em paz.

Ainda não situei. A viatura e os restos de roupa foram encontrados numa ribeira, entre a Lomba do Carro e a Lomba do Botão, duas das sete lombas à volta da Vila da Povoação – as outras são a Lomba do Cavaleiro, a Lomba do Cavaleiro, a Lomba dos Pés, a Lomba do Alcaide e a Lomba do Loução. É esta espuma da memória. Sou – sinto-me – da Lomba do Loução. A minha mãe nasceu aí. A minha avó materna também. Foi nessa lomba que viveram os meus bisavós Manuel Jacinto Franco e Maria Cecília Aragão. Onde ainda vive o meu primo José Manuel e a minha prima Ana Isabel. Desde pequeno que era levado nas visitas. Resultavam para a miudagem no movimento de correr em pastos, espreitar currais de porcos, passear a cavalo. Tirar leite às vacas – prática hoje mecanizada – foi uma espécie de ritual de iniciação à vida rural micalense para os “meninos urbanos” que éramos – eu, a minha irmã e os meus primos direitos, ambos nascidos em Lisboa, ambos descendentes da Povoação. Voltei, muitos anos mais tarde, a tirar leite às vacas nas Cinco Ribeiras, Terceira, num gesto filmado para um programa de televisão. Tirar leite às vacas, experiência para o turismo. Ficam mais felizes os turistas do que as vacas.

Foi, redigo, numa ribeira que aconteceu o naufrágio do carro. Quem perseguir as pistas históricas saberá que noutra tempo, séculos XVI e XVII, a ribeira que atravessa a vila foi uma espécie de oficina de construção de embarcações. Anos muitos de prosperidade económica, provinda, primeiro, de cultivos (pastel, vinho, trigo, etc) e depois, entre outros, milho, inhame e laranja – claro, laranja, muito exportada para as Inglaterras entre até ao século XVIII. Com a infestação que contaminou o fruto, os povoacenses passaram a dedicar-se a cultivos como o chá, o ananás e a espadana.

Ocorrência biográfica recente. Estava e entrar no Auditório do Grande Grande, Praia da Vitória, quando fui abordado por alguém – um homem novo – que me disse sermos primos por ser neto de um irmão do (referido) meu avô Manuel Jacinto Franco. Fiquei contente por ter um primo na Praia da Vitória, cidade de que tanto gosto. Não é só por causa de Nemésio. Há mais motivos para esta coisa de me sentir em casa na Praia.

Jovem detido no Faial pelo cultivo de estupefacientes

A Divisão Policial da Horta, através de Polícias da Esquadra Investigação Criminal, da Ilha do Faial, no âmbito de uma investigação em curso, procedeu à detenção, em flagrante delito, de um indivíduo, do género masculino, de 22 anos, no concelho da Horta, pela presumível autoria de um crime de tráfico/cultivo de estupefacientes.

A detenção ocorreu na sequência de uma investigação, na qual os investiga-

dores da PSP recolheram indícios, que apontavam para este tipo de ilícito criminal.

No decurso da intervenção policial foram detectadas e apreendidas 13 plantas de Cannabis Sativa-L, de pequeno/médio porte, com um comprimento entre os 20 cms e os 100 cms, perfazendo um peso de substância estupefaciente de 979 gramas, 30 doses de Cannabis e algumas sementes de

Liamba (conforme fotograma).

Com a presente intervenção policial, a PSP logrou cessar mais um foco de instabilidade que se fazia sentir numa freguesia onde os consumos e pequeno tráfico de estupefaciente são, ainda, uma realidade presente e que, direta e indiretamente, contribui para a degradação da saúde de diversos cidadãos e do próprio sentimento de segurança da comunidade ali residente.

